

O CORPO QUE SE VESTE:

UMA NOVA PERSPECTIVA DE GÊNERO EM JUDITH BUTLER

CARNEIRO, Oriene Sabino.

RESUMO

As identidades que agregamos durante toda uma existência são quase sempre construídas a partir da subjetividade de cada sujeito. E as que não são construídas, são simplesmente homologadas e armazenadas de acordo como nos são passadas. Ao tratar da sexualidade humana e de todos os tramites que a envolve, segundo Butler, a identidade de gênero passa a ser vista como uma construção cultural, como uma *performance* do sujeito que a reforça em seus atos, em sua linguagem, entre outros. Sendo assim, o gênero passa a ser percebido como um ato performativo que pode ser construído e desconstruído de acordo com a subjetividade e a necessidade do sujeito de sentir-se livre e bem “colocado” perante o seu corpo. Corpo este construído e reestruturado de acordo com as necessidades de cada indivíduo, liberto dos modelos que constituem o padrão referenciado pela sociedade ocidental contemporânea, que defende o modelo do homem branco europeu de determinada classe econômica, assumindo como natural a heterossexualidade e o binarismo tradicional homem – mulher, supremacia esta que leva à desconsideração das diversidades de raça, crença, etnia e gênero.

Palavras chave: Judith Butler, identidade de gênero, teoria queer e performatividade.

1 INTRODUÇÃO

O que é identidade de gênero? O que é ser homem ou mulher? Que parâmetros são usados para definir esses conceitos? Quais os seus pressupostos? A biologia é capaz de, isoladamente, dar uma resposta plena e que atenda a toda a diversidade humana? Ou o aporte está focado em práticas e valores socialmente referenciados? Até que ponto a sexualidade, o gênero e o sexo estão interligados? A antropologia há muito se vê às voltas com a constituição da identidade humana que, no entanto, nos escapa e se mostra ineficaz a cada nova tentativa, a cada novo olhar, apoiada em novos pressupostos.

Desde a vida uterina (gestação), tradicionalmente, há um imbricamento entre as características fisiológicas e os respectivos papéis sociais que devem ser assumidos; masculino ou feminino, macho ou fêmea, menino ou menina, homem ou mulher, reforçando um binarismo imposto e praticado por uma sociedade que vem sendo constituída como “heteronormativa” (sociedade que vê como correto e aceita somente o relacionamento de homem e mulher.), principalmente reforçada durante a idade média, se mantendo até os dias atuais.

Ao considerar somente essas duas possibilidades, restringe-se toda e qualquer outra forma de constituição de sentido de identidade pessoal e a garantia do respeito às suas singularidades. E tendo somente como base o clássico binarismo (homem/mulher), qualquer identidade de gênero torna-se ilegível e incompreensível perante a sociedade e seus postos. Sendo assim, pode-se questionar: o que tornaria um gênero legitimado e aceito dentro dos contextos sociais?

Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista, corrente filosófica que trabalha com a desconstrução das teorias de gênero, tentando superar as ideias metafísicas ocidentais ao questionar e dissolver as oposições binárias. O estruturalismo foi um movimento teórico que se concentra principalmente na análise das estruturas e dos sistemas, e não do conteúdo. Estadunidense, ligada aos estudos feministas e a *teoria queer* (teoria que trabalha com sujeitos marginalizados pela sociedade, ou seja, pessoas que não se enquadram de algum modo nos padrões estipulados pela sociedade e são colocados às margens da sociedade, excluídos), a pensadora defende que a justificativa da naturalidade não é suficiente para justificar o binarismo de gênero.

Partindo da desconstrução de gênero, ela sugere a aceção de um novo ser, com um novo corpo, com uma nova expressão que precisa se sentir inserido na sociedade. E se tal caracterização transita por processos subjetivos, constituindo-se em uma diversidade de gênero, socialmente ainda estamos presos à dicotomia homem/mulher, com a prática de valores e comportamentos diferenciados entre esses dois papéis. O grupo social a que pertencemos e que nos serve como parâmetro de identidade (cultural, política, religiosa), torna-se, então, um lugar hostil que, muitas vezes, recusa essa nova forma de constituição de identidade

considerada estranha por não estar em conformidade com seus padrões típicos já pré-estabelecidos e moldados.

2 METODOLOGIA

A metodologia usada parte de uma revisão de bibliografia das obras de Butler, assim como a possibilidade de um trabalho de campo, ambos de cunho qualitativo, sendo que o segundo terá como sujeitos de pesquisa exemplos de pessoas que desconstróem seu gênero e constroem novos corpos, fugindo do padrão heteronormativo. O trabalho de campo usará como instrumento de pesquisa os questionários semiestruturados, visando a aproximação entre teoria e prática nas questões de gênero.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado esperado dessa pesquisa é ver como as novas masculinidades-feminilidades se constroem e quais os espaços que essas conseguem ocupar.

Esse trabalho tem como objetivo discutir os conceitos historicamente constituídos de gênero e seus respectivos papéis sociais que referenciam a constituição da identidade do sujeito e das possibilidades de constituição de novas formas de constituição social. Adotando as teorias de performatividade, corpo abjeto e teoria *queer* de Butler como base para essa discussão.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa ainda está em andamento e por esse motivo não é possível apresentar uma conclusão definitiva e concreta, e nem é esse o objetivo. Mas pode-se adiantar a hipótese de que todo o processo que envolve a construção da identidade de gênero e do sujeito em si é bastante complexo, exigindo reflexões que permitam questionar a existência humana, na tentativa de pensar respostas à pergunta essencialmente antropológica, qual seja, quem é esse ser, o homem, que tem em si mesmo a possibilidade de interrogar-se acerca das coisas do mundo e dele próprio, mas que, ao mesmo tempo, é a única referência na elaboração de prováveis respostas.

Tal reflexão permite pensar que as novas identidades ainda encontram-se ocultas, à margem da legitimação de seus direitos, á procura de novos valores que fundamentem sua constituição enquanto sujeito de fato, como um ser social e humano acima de tudo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**; tradução Alfredo Bosi. São Paulo. Martins fontes, 1998, p. 478 - 479.

AUDI, Robert (Organizador). **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. Tradução de João Paixão Netto, Edwino Aloysius Royer et all. São Paulo: Paulus, 2006, p.345-346.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003, p.236.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 844-845.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.96.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução: Guacira Lopes Louro. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 235p.

CORPOS E ESTILOS:

O QUE FAZ O FEIO-FEIO E O BELO-BELO?

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

CARNEIRO, Oriene Sabino.

RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar de modo dinâmico e expositivo a presença dos conceitos de feio e bonito, nas diversas realidades, corpos e estilos do nosso cotidiano. Levando em consideração a subjetividade de cada ser. O trabalho tem a intenção de colher impressões de dez (10) pessoas que farão uma apreciação das dez (10) fotos tiradas através de um celular, as avaliando em feio ou belo, dentro das sete categorias propostas. São elas: Cor, proporção, tema, enquadramento, simetria, assimetria e luminosidade. Tendo em vista que este trabalho está inserido na disciplina de estética do 6º período, do curso de filosofia do CES, no qual tem-se a intenção de analisar as impressões colhidas a partir da concepção de belo-feio de cada ser. Ao trabalhar esse tema tão amplo, ele voltara para a idéia de beleza e feiuria em Aristóteles, no qual será bem sintetizado de acordo com os estudos realizados durante o semestre.

Palavra chave: belo, feio, corpos, estilos e subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

Se de fato o filosofo grego Platão estiver certo e tudo que conhecemos só o conhecemos porque em algum momento esse foi contemplado no mundo das ideias e na vida terrestre apenas nos recordamos de tudo que já conhecemos e vivenciamos. E partindo desse pré suposto, só conhecemos a beleza porque um dia conhecemos a essência do que é o belo e assim também conhecemos a essência do que é feio. E nada mais autêntico para ser trabalhado e pensado junto ao social esses conceitos, que variam de acordo com a subjetividade de cada ser.

Sendo assim, podemos perceber que Platão não abrangerá toda essa questão somente com o mundo das ideias. Por esse motivo o pensamento lógico de Aristóteles, outro filosofo grego nos é mais pertinente e se faz mais completo. Quando esse coloca em seus pensamentos estéticos categorias para

classificar o belo e o feio, fazendo assim entender o motivo que as pessoas agradam-se de determinadas coisas e de outras não.

E nada melhor que estilos e corpos para trabalhar esse conceito, já que existem muitos tabus, mitos, olhares, construções e desconstruções em cima dessas duas categorias que foram escolhidas para trabalhar nesta pesquisa. Já que os corpos são sinônimos de expressão, de vida, do pecado em si, mas também o habitar do divino que precisa estar sempre conectado ao ser superior. E os estilos que habitam esses corpos são os diversos. E por que não pensar em uma junção subjetiva desses corpos com seus estilos? E todo o processo de criação desses estilos de acordo com cada corpo. Tendo em vista que os corpos e seus donos buscam sempre a contemplação da beleza, porém nem sempre essa é visualizada assim pelos outros a classificando como feio.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para produção deste trabalho foi idealizada com os seguintes critérios:

A) Produção de dez fotografias de aparelhos celulares, sendo intencionalmente cinco feias e cinco bonitas na perspectiva do autor da foto, versando todas sobre o mesmo tema.

B) Produção de um questionário de pesquisa, cujo objetivo será entrevistar dez pessoas dentro de um padrão aleatório com a finalidade de avaliar as razões pelas quais as pessoas consideram algo feio ou bonito.

C) Arbitraram-se para determinar o juízo estético as seguintes categorias:

1. Cor
2. Proporção
3. Tema
4. Enquadramento
5. Simetria
6. Assimetria
7. Luminosidade

D) Os resultados das entrevistas serão tabulados para uma síntese da percepção do belo e do feio pelas pessoas e as categorias que embasam essa percepção.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se com esta pesquisa de campo, coletar dados numéricos sobre a percepção do belo e do feio e as categorias que constroem esta percepção. É propiciando, cada indivíduo poderá fazer sua análise diante dos dados coletados. Entretanto, a discussão perpassará pelo viés de belo e feio que cada indivíduo concebe por meio da sua subjetividade.

4 CONCLUSÃO

Por enquanto não se tem uma conclusão definitiva, devido à pesquisa ainda esta em andamento. Porém, a conclusão será apresentada no final do andamento do trabalho.

REFERÊNCIA

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação á estética**. Rio de Janeiro: 11º Ed. José Olympio, 2011.

AS CONTRIBUIÇÕES CARTESIANAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO E O PROGRESSO DA CIÊNCIA.

JÚNIOR, Márcio José Ferreira

MEIRELLES, Regina Lúcia

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

RESUMO

Analisando as ideias a partir das contribuições do filósofo moderno René Descartes, este artigo se propõe, tendo como referência a filosofia da ciência, a analisar os fundamentos que justificam o desenvolvimento do saber sistematizado como condição de possibilidade para o progresso da ciência. Partindo do ceticismo cartesiano, o texto inicia sua explanação com a busca do fundamento do conhecimento irrefutável. Descartes parte desse ceticismo para fundamentar, indubitavelmente, sua verdade universal, pois reconhece a dúvida como caminho necessário para chegar ao conhecimento único e verdadeiro das coisas. A criação do método cartesiano auxilia a alcançar este objetivo: o conhecimento verdadeiro e final. Outro fundamento a ser considerado é o caráter de refutação do conhecimento científico apontado por Karl Popper, um filósofo contemporâneo, para quem o ideal científico atual é resultado dessa experiência filosófica explicitada, apresentando, assim o progresso da ciência em meio ao conhecimento desenvolvido ao longo do percurso histórico da ciência e da teoria do conhecimento.

Palavras-chave: Conhecimento. Ciência. Indubitável. Verdade Universal. Progresso.

1 INTRODUÇÃO

É notória a percepção da necessidade de um conhecimento real e irrefutável para o desenvolvimento de uma ciência concisa, adequada à realidade e que ofereça como resultado o progresso científico. Dessa forma, o trabalho tem por objetivo ressaltar o caminho percorrido pela humanidade no intento de aprimorar empiricamente essa ciência, que tem como um dos seus pilares a fundamentação nos rigores do método. René Descartes, filósofo inaugurador da modernidade e Karl Popper, filósofo contemporâneo são os referenciais teóricos deste texto. Com suas propostas filosóficas, ambos nos fornecem subsídios que ratificam tais fundamentos no uso de conceituações e teorias científicas.

Por base nas obras cartesianas: “Meditações” (1999) e “Discurso do método” (1999), o artigo fará uma releitura das realidades céticas apontadas por Descartes, Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

que mesmo não se identificando plenamente com o ceticismo tradicional, usa desse recurso, metodicamente, para alcançar o que ele chama de verdade universal.

Primeiramente, concentrar-se-á nas “Meditações primeira, segunda e terceira” para justificar sua dúvida, até chegar à realidade pensante como fundamento de um conhecimento real e indubitável. Nas “Meditações” Descartes defende seu ceticismo hiperbólico como método necessário para afirmar uma verdade clara e distinta, distante de sua realidade primeira na Escolástica, que, como ele próprio diz, é dogmática e tradicional, ou seja, não submetida ao rigor de um método para configurar como verdade.

Em seguida, o trabalho contempla, a partir do discurso cartesiano do método, os fatores que levam Descartes a seguir por tal caminho, dito como necessário para promover o conhecimento verdadeiro e, assim, avançar cientificamente até o momento atual.

Por fim, a partir da leitura de Popper, o texto fundamenta o conceito de ciência apoiado na possibilidade da refutação metódica, defendendo que o rigor científico exige que as proposições sejam submetidas a processos de verificação e refutação, que, ao serem superados, garantem o valor de tal conhecimento.

A partir daí, pretende-se fundamentar o progresso da ciência em consequência das propostas cartesianas e popperianas em herança a essas contribuições, apontando suas conquistas e seus avanços para a melhoria da qualidade da vida humana no mundo contemporâneo.

2 METODOLOGIA

Especificamente, o método utilizado para o desenvolvimento desta investigação é bibliográfico de cunho qualitativo, em decorrência das necessidades de consultas às obras dos pensadores citados, como também à realidade presente na instituição de ensino. De forma expressiva e adequada, a metodologia contempla e satisfaz as necessidades de pesquisa para o bom êxito do trabalho.

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

O texto conterà as contribuições de algumas obras originais dos filósofos, como também de comentadores dos mesmos e da temática abordada, tais como Franklin Leopoldo e Silva (2005) e Urbano Zilles (2008).

A pesquisa está sendo realizada de forma sistemática, através da leitura dos textos e redação do artigo, a fim de que não haja fuga do tema e prolixidade. Portanto, há uma linha de raciocínio e pesquisa para evitar esses desvios e alcançar o objetivo proposto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em consequência da pesquisa realizada, encontram-se pontos resultantes deste processo de busca pelo conhecimento para um progresso científico.

Inicialmente, René Descartes invalida todos os seus aprendizados na Escolástica, ditos como tradicionais e dogmáticos, afirmando sua ausência de métodos necessários para considerá-los como verdadeiros e suficientes para o desenvolvimento e o progresso de uma ciência. Vemos que,

já bastante tempo que eu me dei conta de que, a partir de minha infância, considerara verdadeiras muitas opiniões equivocadas, e de que aquilo que, mais tarde, estabeleci em princípios tão mal fundamentados só podia ser deveras suspeito e impreciso; de maneira que era preciso que eu tentasse com seriedade, uma vez em minha vida, livrar-me de todas as opiniões nas quais até aquele momento acreditara, e começar tudo novamente a partir dos fundamentos se pretendesse estabelecer algo sólido e duradouro nas ciências (DESCARTES, 1999, p 249).

Assim, impõe-se a necessidade cartesiana da dúvida. Sendo ela metódica, radical e universal, ele pretende alcançar seu objetivo: uma verdade irrefutável. O filósofo moderno defende esse método como principal meio de distender seu propósito. Para tanto, ele afirma encontrar uma realidade pensante quando percebe sua existência real em resultado do seu pensamento. Assim,

não há, então, dúvida alguma de que existo, se ele me engana; e por mais que me engane, nunca poderá fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa [...] se faz necessário concluir e ter por inalterável que está proposição, *eu sou, eu existo*, é obrigatoriamente verdadeira (DESCARTES, 1999, p. 258).

A partir daí ele concebe em si mesmo o pensamento que o leva à prova da existência de Deus, ou seja um ser exterior que o capacita a pensar coisas em um grau de ser bastante elevado e que o favorece ao alcance do conhecimento científico, pois tudo que passa a lhe apresentar clara e distintamente poderá ser tido como verdade. Assim a ciência, como instrumento de saber das coisas exteriores ao homem leva ao progresso, aqui entendido como aprimoramento humano.

Karl Popper, o filósofo da ciência, assume essa conceituação científica, quando busca definir e fundamentar o entendimento de tal conceito na contemporaneidade. Ele faz isso primeiramente para especificar com precisão tal conceito, distinguindo-o do que chamará de pseudociência. Fundamentada no processo empírico, para Popper, ciência é tudo aquilo que pode ser metodicamente refutado ou testado, a fim de sempre alcançar um grau de confiabilidade, o valor de irrefutável e verdadeiro.

4 CONCLUSÃO

Portanto, a partir da dúvida cartesiana e da concepção do *cogito* como pensamento, Descartes possibilita a visão para um conhecimento exterior de si mesmo, auxiliado pela afirmação da existência de Deus.

Na obra “Meditações”, ele descreve suas propostas que defendem a afirmação de uma verdade universal, clara e distinta, passível de ser conhecida pelo homem e que o possibilita alcançar e vislumbrar um projeto progressista de uma ciência fundamentada.

Definindo o método como fonte necessária para tal formulação, não só do conhecimento, mas também da verdade, sua reflexão filosófica aponta para o progresso dito científico.

De forma clara, são perceptíveis as marcas cartesianas nas ciências atuais, principalmente na matemática, pelo plano cartesiano, como também na medicina, física entre outras.

Karl Popper contribui incisivamente para o aprimoramento do conceito de ciência a partir da relação dos conhecimentos desenvolvidos ao longo da história e da necessidade de refutação como método necessário para promover a

irrefutabilidade da teoria científica. Ele afirma que o critério definitivo para que um determinado conhecimento receba o reconhecimento de cientificidade está exatamente na sua capacidade de ser testada. Vê-se, assim, a herança cartesiana nessa proposta metodológica, pois qualquer teoria que não for refutada por qualquer acontecimento não é científica.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do método; As paixões da alma; Meditações.** Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultura, 1999. 335p. (Coleção Os Pensadores).

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Descartes: a metafísica da modernidade.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. 135p. (Coleção logos).

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutações.** Brasília: UND, 1992. p. 63-88.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. 200p. (Coleção Filosofia).

O QUE FAZ O FEIO, FEIO E O BONITO, BONITO EM FLORES

Rafael Lúcio da Silva Damasceno

RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar de modo dinâmico e expositivo a presença de conceitos de feio e bonito nas diversas realidades. Esta pesquisa tem por tema o que faz o feio, feio e o bonito, bonito, do nosso cotidiano. Levando em consideração a subjetividade, o trabalho tem a intenção de colher impressões de (dez) pessoas que fará uma apreciação das dez fotografias, sendo cinco feias e cinco bonitas a partir do ponto de vista do pesquisador, avaliando a sua beleza e sua feiúra, e cabendo ao pesquisador analisar quais as categorias que embasam esse julgamento. Para tanto, foram elencados sete categorias que servirão de parâmetros para esse julgamento, a saber: cor, proporção, tema, enquadramento, simetria, assimetria e luminosidade. Tendo em vista que este trabalho possui um caráter filosófico. Partindo do ponto de vista da filosofia, este trabalho esta inserido na dimensão da disciplina de estética filosófica na qual, têm-se a intenção de analisar impressões colhidas a partir das concepções de belo, feio e do juízo de gosto.

Palavras-Chave: Feio, Bonito, Subjetividade, Filosofia.

INTRODUÇÃO

Na evolução da palavra Beleza é preciso ter claro duas atitudes perante o Belo: Kalos/Kalón (belo, bom, verdadeiro) = atitude objetiva. “Belo pelo Belo” = atitude subjetiva. Kalos/Kalón, palavra esta tem origem no antigo grego que representa bem o conceito primeiro de beleza e foi usado por Platão. Assim diziam que a “beleza é o esplendor da verdade”. Logo: A mentira é feia.

Assim podemos analisar que para Platão as coisas são bonitas a partir do momento que estão iguais à sua forma no mundo das ideias, logo o ser humano não consegue ser perfeito em suas criações, pois não está igual à forma que se apresenta no mundo das ideias.

A beleza é uma atitude objetiva que vem até mim como verdade, impõe-se, independente do “meu subjetivismo”. É o belo na sua essência. A beleza independente do meu parecer.

Após sabermos um pouco do conceito de beleza para Platão, vamos analisar com pessoas qual seria as suas concepções de feio e bonito e assim chegar a um resultado, fazendo-se valer que cada esta pesquisar é importante pelo motivo de analisar qual a concepção de feio e bonito no mundo contemporâneo.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para produção deste trabalho foi idealizada com os seguintes critérios:

- A) Produção de dez fotografias de aparelhos celulares, sendo intencionalmente cinco feias e cinco bonitas na perspectiva do autor da foto, versando todas sobre o mesmo tema.
- B) Produção de um questionário de pesquisa, cujo objetivo será entrevistar dez pessoas dentro de um padrão aleatório com a finalidade de avaliar as razões pelas quais as pessoas consideram algo feio ou bonito.
- C) Arbitraram-se para determinar o juízo estético as seguintes categorias:
 - 1. Cor
 - 2. Proporção
 - 3. Tema
 - 4. Enquadramento
 - 5. Simetria
 - 6. Assimetria
 - 7. Luminosidade
- D) Os resultados das entrevistas serão tabulados para uma síntese da percepção do belo e do feio pelas pessoas e as categorias que embasam essa percepção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se com esta pesquisa de campo, coletar dados numéricos sobre a percepção do belo e do feio e as categorias que constroem esta percepção. É

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

propiciando, cada indivíduo poderá fazer sua análise diante dos dados coletados. Entretanto, a discussão, perpassará pelo viés de belo e feio que cada indivíduo concebe, por meio da sua subjetividade.

CONCLUSÃO

Por enquanto não se tem uma conclusão definitiva, devido à pesquisa ainda esta em andamento. Porém a conclusão será apresenta dada no final do andamento do trabalho.

REFERÊNCIAS

PASTRO, Cláudio. **Arte no Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2010.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. Ed. 11ª, Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA EM PLATÃO: UMA LEITURA DE *FÉDON*

NASCIMENTO, Reuler
LANDIM, Robione

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo abordar o sentido platônico de filosofia a partir do diálogo *Fédon*. Nessa obra são descritos os últimos momentos de Sócrates, que, condenado à morte, aguardava no cárcere a execução de sua sentença. Nos diálogos empreendidos entre o personagem e os demais presentes, o significado da filosofia é apresentado a partir de uma interessante alegoria com a morte. Essa é definida como a plena separação entre o corpo, estrutura perecível e fonte de engano, e a alma, estrutura imortal e sede do intelecto humano. Ora, se durante toda sua vida o filósofo busca apartar-se do corpo e de seus sentidos enganosos e manter-se focado a sua alma para, a partir dela, alcançar a verdade, conclui-se que o filósofo vive para morrer. A morte é concebida como a libertação de tudo aquilo que desvia o sábio de seu objetivo primeiro. Sendo assim, é consideravelmente justo que o filósofo se mantenha alegre e tranquilo diante da morte, pois ela é a concretização de seus desejos. Com isso, Platão aborda um dos grandes problemas da filosofia, elaborar uma definição de si própria.

Palavras-chave: Morte. Alma. Corpo. Libertação.

1 INTRODUÇÃO

Questionar-se sobre o que é a filosofia já é um consistente problema filosófico. A multiplicidade de definições consideravelmente corretas de filosofia, que não podem ser facilmente reunidas em uma única, torna extremamente problemática a elaboração de um significado objetivo e conciso acerca dessa área do conhecimento. Além disso, enquanto as ciências experimentais são facilmente

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

descritas a partir de seus objetos de estudo, muito se discute sobre qual é o objeto da filosofia, o que torna a sua definição mais embaraçosa. A presente pesquisa busca aprofundar-se na definição de filosofia que Platão apresenta no diálogo *Fédon*.

Essa obra se fundamenta em uma descrição acerca dos últimos momentos de Sócrates, que dialoga com Cebes e Símiias. Sócrates fora condenado à morte após ser acusado de não prestar culto aos deuses atenienses e corromper a juventude, da qual era mestre, e aguardava o envenenamento por cicuta. A partir da narração desses momentos derradeiros de Sócrates, é possível captar o entendimento de Platão acerca da morte como a libertação da alma de seu cárcere, o corpo. “Estar morto consiste nisso: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma” (PLATÃO, 1972, p. 71). Ou seja, a morte é nada mais que a separação entre duas estruturas plenamente opostas, o corpo e a alma, ambas isoladas em si mesmas.

Porém, a morte no *Fédon* não se consiste simplesmente no fim da vida ou numa ideia de apenas perecimento do corpo, mas é um instrumento para se entender o significado de filosofia. A filosofia se consiste na busca pela libertação do corpo, ou seja, dos sentidos corpóreos, que, para Platão, são enganosos. O homem, ao se libertar deles, volta-se totalmente para a alma, sede do intelecto, o que possibilita o alcance da plena verdade, anseio primeiro da filosofia. Dessa forma, no diálogo, Sócrates conclui que “estão se exercitando para morrer todos aqueles que [...] se dedicam à filosofia [...]” (PLATÃO, 1972, p. 75). O uso da razão é um exercício de libertação, libertação de tudo o que é enganoso. A partir disso, é possível se compreender o sentido do regozijar socrático diante da morte, pois “[...] não seria contraditório deixarem de sentir alegria ante a esperança de serem libertados da companhia daquilo que os molestava?” (PLATÃO, 1972, p. 75-76).

Essa pesquisa irá se enveredar nessa direção, buscando explicitar o sentido de filosofia presente no *Fédon*. A busca é reconstruir o raciocínio que fundamenta essa ideia e observar como tal noção foi importante para a construção de um determinado sentido de filosofia no Ocidente a saber, como a busca pela verdade a partir do puro intelecto, apartado de qualquer sentido corpóreo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa se fundamenta na análise bibliográfica do diálogo platônico *Fédon*, escrito entre os anos de 389-388 a.C., período no qual há a consolidação das ideias platônicas acerca das formas puras e do mundo inteligível, fonte de toda a verdade. Essa análise se consiste numa leitura aprofundada que tem como busca extrair o conceito que Platão apresenta da filosofia e sua relação com a morte, a libertação da alma e o desapego do corpo. Além do diálogo platônico, são analisadas também obras de pesquisadores da história da filosofia geral e de especialistas em Platão, como o italiano Giovanni Reale (2002), o americano Hugh H. Benson (2011) e o francês François Châtelet (s/d).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do estudo do *Fédon* e dos escritos de pesquisadores de Platão, como Reale (2002), Benson (2011) e Châtelet (s/d), é possível aprofundar-se nessa concepção que o autor apresenta acerca da filosofia.

Ao descrever a morte de Sócrates, Platão não propõe uma análise da morte em si, mas uma navegação no sentido do ser sábio e uma nova postura diante da vida, que se fundamenta na busca pela libertação das solicitações passionais e que implica já uma inserção na imortalidade (CHÂTELET, s/d, p. 99). Essa libertação plena será realizada na morte, contudo, a filosofia proporciona já em vida parte dessa emancipação entre corpo e alma. Para Platão, só é possível se alcançar a verdade, busca da filosofia, a partir de uma completa separação entre corpo e alma. É dessa forma que ele conclui que o filósofo nasce para morrer, pois a vida toda, ao praticar a filosofia, está buscando desunir seu corpo de sua alma.

Como consequência dessa ideia que Platão apresenta da morte, no sentido de definir o que é a filosofia e qual o seu anseio, desenvolve-se uma profunda e complexa teoria que leva a uma inversão de valores importante para a estruturação do pensamento grego e, conseqüentemente ocidental. A substituição da valorização do cuidado do corpo e a busca da força física pelo cuidado da alma e desapego do

corpóreo vai, a partir do platonismo, ganhando força. A partir de Platão, “a vida do homem alcança o seu fim último no cuidado, além e mais do que do seu corpo, da sua alma” (REALE, 2002, p. 213).

4 CONCLUSÃO

A partir dessa análise de *Fédon*, é possível se fazer uma interessante leitura: a filosofia é apresentada como pura inteligência, apartada de qualquer sentido corpóreo. Como a morte é entendida por Platão como a plena separação entre o corpo e a alma, a filosofia é então concebida como a busca pela morte, ou seja, o filósofo nasce e vive para morrer. Tal ideia foi enormemente importante para a elaboração das bases de uma nova concepção acerca dessa área do conhecimento, no sentido de busca do saber apartado de qualquer contribuição dos sentidos corpóreos, visão essa que será defendida ou contradita por muitos pensadores posteriores a Platão.

REFERÊNCIAS

ANTISERI, D; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1990. 3 v.

BENSON, Hugh et al. **Platão**. Tradução de Marcos Zingano. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CARDOSO, Delmar. **A alma como centro do filosofar de Platão**. São Paulo: Loyola, 2006.

CHÂTELET, François. **Platão**. Tradução de Sousa Dias. Porto: Res, 1965.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MIRANDA, João Paulo. O papel do filósofo e seu caminho epistemológico no *Fédon*. **Revista Kínesis**, Marília, v. 5, n. 9, p. 208-215, jul. 2013.

_____. O filósofo, o sensível e o inteligível no *Fédon*. **Revista Griot**, Amargosa, v. 7, n. 1, p. 115-122, jun. 2013.

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

MONDIN, Batista. **Introdução à Filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.

PLATÃO. **Fédon**. In:_____. **Diálogos**: O Banquete, Fédon, Sofista, Político. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 61-132. (Os Pensadores, v. 3).

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. **História da Filosofia Antiga: II Platão e Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.